

09/06/2015 - 05:00

Armadilhas comportamentais podem levar à inadimplência

Por **Sérgio Tauhata**



Thiago Alvarez, do GuiaBolso: "Quando sobrava mais recursos, em lugar de poupar, usuário preferia consumir mais"

Não bastasse o ambiente de crise, com queda do poder aquisitivo, inflação alta e recessão econômica, armadilhas da mente podem agravar ainda mais o quadro do endividamento e levar o consumidor à inadimplência, indicam especialistas em finanças comportamentais. Segundo o índice de saúde financeira do GuiaBolso, em abril, com 58 pontos, o brasileiro manteve a qualificação de "doente" alcançada em março, quando o indicador caiu para 57 pontos ante 60 no mês anterior (o indicador varia de 0 a 100, sendo que quanto maior melhor a saúde financeira).

O patamar atual, na definição do índice, indica que na média o brasileiro "gasta mais que recebe e faz uso do cheque especial", um indicativo de uso de crédito de curto prazo para cobrir rombos no orçamento. Conforme o sócio do GuiaBolso, Thiago Alvarez, a comparação com o ano passado mostra que, quando sobrava mais recursos, em lugar de investir o usuário preferia consumir mais. "Vimos que em 2014 o pouco que sobrava a pessoa preferia direcionar ao consumo", afirma. Neste ano, o indicador aponta para uma redução na capacidade de poupar. "Simplesmente não sobra dinheiro e isso em um ambiente de crescimento das despesas essenciais", avalia.

O especialista em finanças comportamentais Aquiles Mosca, estrategista de investimentos pessoais e superintendente-executivo comercial da Santander Asset Management, o cheque especial é um indicador antecedente de que as pessoas começam a ter problemas financeiros. O especialista alerta que usar essa linha cara para cobrir o buraco no orçamento, mesmo que seja por alguns dias, embute um grande perigo. "Há uma armadilha comportamental que está acontecendo nesse instante", afirma. Para o estrategista do Santander, trata-se de uma maneira "irracional" de encarar os fatos e, o mais lógico, seria tirar dinheiro de uma reserva e cobrir o rombo ou usar um crédito mais barato.

"É um fenômeno comportamental, as pessoas separam em compartimentos diferentes no cérebro a poupança e o dinheiro do dia a dia", diz o executivo. A poupança, na visão do estrategista, faz parte de um comportamento de longo prazo. "As pessoas pesam: 'demorei tanto para guardar e vou tirar o dinheiro só para cobrir alguns dias?'" O risco é de que o rombo continue a aumentar e o uso do cheque especial fuja do controle.

De acordo com Jurandir Sell Macedo, professor de finanças pessoais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e consultor do Itaú Unibanco, o cheque especial "deveria ser como um extintor: o ideal é que você nunca use, mas pode ser usado para uma situação emergencial".

Na avaliação do estudioso de finanças comportamentais e sócio da Mint Capital, Cassio Beldi, existe ainda uma "atitude de manada" no hábito de se usar o cheque especial para manter o consumo. "A gente costuma agir conforme o exemplo de pessoas que conhecemos, de pessoas que admiramos, e se está todo mundo fazendo isso [usando a linha de curto prazo] e em momentos de crise, as pessoas acham, então, que tudo está certo sem revisitar as premissas", pondera.

Beldi cita, como exemplo, os resultados de um estudo que apontam para uma mudança de nível de consumo de uma pessoa sozinha em um restaurante e quando está em grupo. "Se você está com outras pessoas que estão consumindo você tende a consumir muito mais", diz.

Conforme Mosca, do Santander, no Brasil, após décadas de consumo reprimido na classe média, houve um comportamento natural de se gastar mais quando passaram a sobrar recursos. "Já há um comportamento quase estrutural do brasileiro de classe média de consumir mais e guardar menos", diz. E essa tendência, considera Mosca, reforça o uso de cartão de crédito e cheque especial para manter o consumo menos comprometido. "Mas isso tem um custo grande."

Segundo Macedo, da UFSC, "quando você está em um período de euforia, acaba consumindo mais, porque se as pessoas estão eufóricas estão acreditando no futuro". Mas, pondera o pesquisador, deveria ser o contrário. "As pessoas, nos períodos em que está tudo bem, acabam se endividando e quando pegam o contrafluxo ficam sem dinheiro."

O professor da UFSC ressalta a importância de se criar um colchão financeiro que consiga cobrir de três a seis meses dos gastos mensais para períodos de emergência. "Criar uma reserva contra imprevistos evita cair na rotatividade do cartão de crédito ou no cheque especial. Essa poupança serve principalmente para nos proteger das flutuações naturais em nossas vidas", diz.

Para Macedo, a falta de educação financeira leva a visões distorcidas de como lidar com períodos adversos. "Não é incomum perguntar para as pessoas se elas têm reserva para imprevistos e responderem que têm um cartão de crédito guardado para uso em emergência."

Fabiano Calil, economista, psicanalista e planejador financeiro com certificação CFP, ressalta que embora o momento atual, com crescimento de desemprego e piora do ambiente econômico, tivesse de ser uma época para aumentar a poupança e reduzir crédito e dívidas, a crise tem impulsionado justamente o comportamento contrário. "Tenho visto muitas pessoas felizes porque o financiamento imobiliário ou de veículo tinha sido liberado, mesmo nesse ambiente de crise. E muitas famílias querendo viajar antes que não consigam mais. Isso é um comportamento típico de populações que vivem perto de zona de risco, que preferem não guardar dinheiro porque não sabem se estarão vivas no amanhã. A crise é como se fosse um fim, então as pessoas pensam não vou guardar dinheiro, vou gastar tudo hoje."

O planejador financeiro acredita que o primeiro impulso dos consumidores, de cortar despesas não essenciais, adianta pouco em um período com perspectivas tão sombrias para a economia. Segundo Calil, o impacto do corte de despesas marginais, como lazer, é muito pequeno em relação ao total das despesas das famílias, que abrangem saúde, habitação e transportes. "Esse corte é muito mais da culpa, mas tem pouco efeito no orçamento. Se eu deixo de ir ao restaurante isso não muda meu orçamento."

O especialista em finanças pessoais afirma que, para mudar o orçamento, é preciso adotar uma estratégia mais ampla. "Será que não é hora de antecipar os movimentos negativos da economia? A família pode, por exemplo, abrir mão do

carro agora, liquidar essa dívida e usar o valor que sobra para quitar outras dívidas."